

## RELAÇÕES

# Borboletas na barriga

*Ainda há paixão de verdade, daquela que faz perder a cabeça? À primeira vista são cada menos os que ousam arriscar. Mas há ‘resistentes’ que recusam abdicar desse fogo. Histórias de quem só sabe viver intensamente.* TEXTO DE KATYA DELIMBEUF, FOTOGRAFIAS DE LUIZ CARVALHO

**P**aixão: estado febril em que só se consegue pensar no objecto de amor, não se consegue deixar de sorrir, em que — dizem —, nunca é boa altura para tomar decisões. Desejo apenas aplacado pela presença da pessoa em causa, de preferência, a todo o momento. Esta definição não é do dicionário. A da Porto Editora é mais negra — “tendência dominadora que exerce acção directora sobre a conduta e o pensamento, orientando os juízos de valor e impedindo o exercício de uma lógica imparcial”. Só depois vem o “afecto violento, amor ardente”. Por ‘culpa’ de Descartes, que racionalizou o sistema há mais de dois séculos, ou da sociedade ocidental, que foi virando agulhas para aspectos materiais como o dinheiro e o conforto, a carreira e o trabalho, aparentemente mais controláveis, a paixão foi saindo de cena. É que esta não se controla — e isso pode ser uma enorme pedra no sapato. Quem pode dar-se ao luxo de chegar atrasado àquela reunião decisiva quando o que apetecia era ficar horas na cama a olhar para o sujeito da nossa paixão?

Há, no entanto, quem resista a este rolo compressor que impõe rotinas e horários e deixa pouco tempo para a paixão. Casais de 70 anos em que ele não se importa de apanhar uma pneumonia para lhe dar a mão até ela adormecer no hospital — mesmo que isso implique dormir ao relento; casais de 30 anos em que ele lhe faz declarações de amor no autocarro e convence estranhos a recitarem-lhe poesia; homens que arrancam árvores para oferecer à namorada, que não gosta de flores, e

convencem o director do Planetário a ceder-lho por 20 minutos para impressionar uma amiga; ou quem organize viagens surpresa para pedir a futura mulher em casamento...

**“No início, estava completamente cego. Tomado mesmo”,** conta Luís. “Fazia-lhe muitas, muitas surpresas... Todos os dias. Como a cena do autocarro...” Olham um para o outro, e os sorrisos rasgam-se. “Conto eu ou contas tu?” Conta Manon. “Uma vez, num autocarro, ele levantou-se e disse: ‘Bom dia! Quero dizer-vos que ali vai a mulher da minha vida!’ E, passadas umas paragens, saiu. Ou daquela vez em que estavas a voltar da Covilhã e me pediste para te ir buscar. Tinhas uma rosa branca para me dar, e um poema escrito por ti, que convenceste um senhor a recitar enquanto nos beijávamos, como se fosse o teu pensamento a correr por trás...”

Luís Almeida, 32 anos, e Manon Marques, 27, são músicos. E mais parecem pairar, entre notas harmónicas. Na casa que partilham há dois anos, quase

*Uma vez, Luís convenceu um desconhecido no autocarro a recitar um poema que tinha feito para Manon, enquanto a beijava. “Era como se fosse o meu pensamento em fundo”*

todas as paredes foram pintadas pelos dois, embelezadas com quadros e colagens feitos pelos dois, com folhas de árvores apanhadas ou pequenas coisas que fizeram um para o outro. Num cimo de parede, está pintada uma melodia que Luís escreveu certa noite para ela. Na porta do quarto, uma tira de papel vertical promete: “Se me dessem a escolher... Seria o vento, para estar contigo, sempre contigo, sentir-te nua, tua. Cheirar-te, levar a tua fragrância comigo, roubar-te, apaixonar-me, como ninguém, porque és desse, como a Florbela, que Deus tem.”

O interessante neste casal é que a ‘manutenção’ da paixão é natural. “Às vezes chego a casa e tenho o jantar feito, à luz das velas”, partilha Manon. “Penso no sorriso dela ao abrir a porta e isso chega-me”, conta ele.

Numa caixa, centenas de cartas, prendas, desenhos, caracóis são provas físicas das demonstrações de afecto deixadas ao longo de “dias normais”. Como a cópia do dicionário que Luís fez, da letra F, na qual, em frente à definição de “felicidade”, escreveu “Manon”. Ou como na semana que ela passou nos Açores e ele lhe enviou dezenas de prendas pelo correio, independentemente de saber que ela chegaria antes.

Ambos já foram casados e têm filhos dessas relações, mas não conseguem sequer estabelecer semelhanças com as ligações anteriores. “Ele fez tantas, tantas coisas... Eu não estava habituada”, confessa Manon. Também Luís considera que esta relação nem se pode definir com a mesma palavra. “Isto é tão, tão diferente. Sobretudo, senti que ela me levava a



OS MÚSICOS MANON MARQUES E LUÍS ALMEIDA VIVEM UM IDÍLIO A DOIS. COM FILHOS DE ANTERIORES LIGAÇÕES, DIZEM QUE NENHUMA RELAÇÃO TEM PARALELO COM O QUE SENTEM AGORA. CASARAM-SE A 21 DE MARÇO



sério.” No passado dia 21 de Março, depois de vários pedidos de casamento, o casal oficializou o seu amor.

Luciano e Helena são do tempo em que se namorava à janela. Casados há 54 anos, pais de três filhos e avós de quatro netos, são, segundo os filhos, “o eterno casal de namorados”. A última ‘maluqueira’ deste senhor cheio de vida, apesar dos 78 anos, foi sair de casa às escondidas dos filhos e passar as noites ao frio e à chuva, para que a mulher não estivesse sozinha no hospital... “Percebi onde era o quarto, nas traseiras, num sítio de acesso proibido, empoleirei-me em cima da Vespa — que aquilo ainda era um primeiro andar — e estiquei o braço, por baixo da janela da enfermaria.” Foi assim que durante cinco dias Helena adormeceu, de mão dada com o marido. Que, enfim, depois dela ter alta, foi ele próprio internado, com uma pneumonia bilateral.

Luciano é *motard* — foi-o a vida toda. E foi montado na sua Norton de 1951, que ainda usa, que viu Helena pela primeira vez — tinha ela 17 anos e “cabelo grande, pelas costas...” “Um dia fui atrás dela, ver onde trabalhava. Depois, onde morava. Duas semanas depois, estava a pedir licença ao irmão

*Para que a mulher não adormecesse sozinha no hospital, Luciano, 78 anos, dormiu cinco dias ao relento, à chuva e ao frio, do lado de fora. Esticava o braço e dava-lhe a mão*

para a namorar.” Durante dez meses, cortejou-a à janela — “Sem um beijo!” Um mês depois, pediu-a em casamento. “Casámo-nos virgens”, dizem ambos, emocionados.

Naquela sexta-feira em que falámos com eles, comemoravam 54 anos de casamento — e consideravam-se tão apaixonados como no princípio: “Eu sem ela não era nada”, confessava Luciano, que só se aflige com a falta de saúde da esposa. “Ainda ontem dormi no sofá, aqui ao lado, para não a aleijar.” “Somos muito carinhosos um com o outro. Quando ele vinha para o pé de mim no hospital, era um chato. Fazia tantas festinhas... As colegas da enfermaria diziam sempre: ‘Olha, lá vem o teu amor’.” “E

nunca se deitam sem dar três beijinhos na boca”, acrescenta a filha mais velha, Teresa, de 52 anos, fã incondicional da história dos pais — como, de resto, toda a família. “Nunca os vi zangarem-se”, diz Helena, a filha do meio.

Como é que se mantém a paixão viva passados tantos anos? “Sei lá... Sendo amigos”, responde Helena-mãe. “Ele foi sempre bom pai. Eu gastei sempre o que quis — apesar de ser poupada. Não sabemos já viver um sem o outro. São muitos anos. Eu também faço tudo o que ele pede. Só discutíamos quando ele demorava muito. De vez em quando, ainda sinto as borboletas na barriga.”

**A paixão compensa?** Nelson Cruz é o que se poderia chamar de apaixonado desiludido. Após várias tentativas “falhadas” — os actos de paixão nunca tiveram as respostas desejadas —, questiona-se. Arquitecto de 31 anos, solteiro, assume-se hoje “como muito mais reservado que há uns tempos, quando poderia dizer sem medo que era uma pessoa apaixonada”. “Os meus amigos fartam-se de gozar comigo, por causa das minhas histórias.” De facto, há pouca coisa que Nelson não tenha feito por paixão — desde convencer o director do Planetário e o projeccionista a cederem-lhe a “sala das estrelas” para ele animar uma amiga, a quem dissera que construiria um foguetão para a levar até à Lua; a oferecer uma árvore que arrancou, numa noite de chuva, para uma namorada que não gostava de flores; a conseguir que os funcionários da Mãe d’Água, nas Amoreiras, em Lisboa, fechassem o espaço para ele semear 27 velas e pôr uma amiga a pedir 27 desejos... Imaginação não lhe falta. Mas faltou *feedback*.

“Fiz estas loucuras não esperando nada em troca”, admite, “embora nenhuma tenha acabado connosco no aeroporto, a ir de viagem. Não me arrependo. Mas também sei que não vivemos no mundo do pequeno pónei... Sinto-me um bocado escaldado. Tenho algum receio da paixão neste momento. Porque estar apaixonado me levou a estados de sofrimento igualmente intensos.” No entanto, reconhece: “Os músicos, os pintores, todos quantos ficaram na história eram apaixonados. Só nesse estado se conseguem grandes feitos. Sem paixão, fica tudo pela metade.”

Não é preciso ir tão longe, no entanto, para praticar actos apaixonados. Ao

fim de um ano de vivência a dois e seis de namoro, João Borges decidiu que “era hora de assumir um novo patamar de compromisso”. “Tinha a maior das vontades de casar com a (Maria) João e assumir uma vida futura ao lado dela. Por isso, programei uma viagem surpresa a Paris, em que lhe daria um anel de noivado e levaria avante esse compromisso”, conta. “Eu era o único a saber. Disse à João que fizesse uma mala com roupa para o frio, para o calor e para temperaturas amenas. Imaginem o malão que levámos! Chegamos ao aeroporto, ofereci-lhe a primeira prenda, que desvendava o destino: um guia de Paris.”

Este dentista tinha quatro dias para escolher o local perfeito para pedir Maria João em casamento. Mas aquilo que tinha tudo para ser simples começou a embrulhar-se — com ele cada vez mais nervoso, os dias a passar, e ele de um lado para o outro com uma mochila com um anel valioso no interior... Primeiro, foi a estadia em casa dos amigos italianos, onde as refeições se prolonga-



*Por paixão, Nelson Cruz arrancou uma árvore à beira da estrada para oferecer a uma namorada que não gostava de flores*

vam e prolongavam, à latina, e das quais ele não conseguia desvincular-se. Depois foi o jantar, no restaurante em St. Germain, em que a chegada de cada prato dava cabo da sua intenção, sempre que ele pensava “É agora!” “Como estava meio ansioso, a João, sem perceber nada, só me perguntava por que é que estava tão sério”, lembra. “Irritado com tudo aquilo, paguei e saí porta fora, olhando para todos os lados a caminho do Pompidou para ver onde lhe poderia dar o anel. Chegámos ao Pont Neuf, estavam zero graus centígrados quando eu parei e lhe dei um embrulho. Deixei-a abrir a quase-Matrioska de ourives e disse que queria muito viver com ela o resto da vida, ter filhos e formar família. Ela ficou perplexa e doida de contentamento. Tirámos fotos com a Torre Eiffel em fundo, e ligámos a toda a gente a contar. O mais engraçado é que o amigo que nos alojou pressentiu que algo se ia passar e pôs uma garrafa de champanhe no frio, que abrimos logo à chegada a casa dele.” ■

zon.pt

FALE A  
8 cênt  
min

PARA  
TODAS  
AS REDES

QUEM TEM TELEMÓVEL  
DA ZON FALA MAIS



Adira mantendo o seu número de telemóvel e ganhe ainda €5 no saldo do seu cartão, que lhe vão dar muito que falar. Para saber mais ligue 16990 ou vá a uma loja ou agente.

**ZON**  
MOBILE

QUEM É ZON ESTÁ ON